Blogs e o crescimento das trocas simbólicas na rede

Tarcisio Torres Silva [1]

Resumo: Com a imersão cada vez maior de usuários em ambientes interativos, propiciada pela popularização das tecnologias, outras formas de interação aparecem com a proliferação de novas ferramentas. Dentre elas, são destacados aqui os *weblogs* (diários virtuais) e suas recentes extensões hipermídia. Essas páginas individuais têm ampliado os modos como se expressam experiências em primeira pessoa, tradicionalmente objeto de estudo da literatura e que agora ganha novos sentidos dentro da rede.

Palavras-chave: Blog, interação, subjetividade.

Abstract: As the immersion of users in interactive environments has grown bigger, given the popularization of technologies, other ways of interaction appear with the spreading of new tools. Among them, it is highlighted here the weblogs (virtual journals) and their recent hypermedia extensions. These individual web pages have amplified the ways how one expresses experiences in first person, traditionally literature study field and that now gains new meanings inside the web.

Key words: Blog, interaction, subjectivity.

1 As narrativas autobiográficas em primeira pessoa

Para introduzir a questão da exposição do indivíduo como um todo, escolhi começar falando de um movimento paralelo ao da Internet, mas que se mostra também bastante forte e que influencia, como inspiração e referência, o que se passa dentro da rede. Falo de um movimento literário, visível com relançamentos recentes e recordes em vendagem, que trata de obras que têm em comum a narrativa em primeira pessoa, muitas das quais autobiográficas.

Essas narrativas são motivo de interesse de uma gama enorme de leitores já há bastante tempo. São autores que se expõem deliberadamente nas suas obras, vivendo a experiência de tornar público o seu cotidiano, seja ele banal ou não. Dentre eles, cito alguns que voltaram ou estão em moda não só no Brasil como também no exterior.

[1] Bacharel em Comunicação Social com ênfase em Publicidade e Propaganda pela ESPM/São Paulo e em Ciências Sociais pela USP. Aluno do curso de pós-graduação em artes da UNICAMP, professor universitário e membro da agência de notícias do I Encontro Internacional para o Estudo da Semiosfera (PUC-SP/Belas Artes). tartorres@gmail.com; http://tartorres.weblogger.com

Dois primeiros exemplos são do pós-guerra e relatam experiências juvenis. *O Apanhador no Campo de Centeio,* de J.D. Salinger, conta a história do jovem de 16 anos Holden Caulifield, que é expulso da escola e passa alguns dias perambulando pelas ruas antes de voltar para a casa dos pais, envolvendo-se com sexo, drogas e encrencas. O autor usa de gírias e uma linguagem juvenil até então pouco explorada pela literatura. O sucesso do livro pode ser descrito numa fala do personagem que diz que é difícil um livro que, quando se acaba de ler, dá vontade de ficar amigo do autor, para poder telefonar pra ele toda vez que se quiser. A leitura de *O Apanhador* causa essa estranha identificação, tão bem colocada, que traz o personagem pra muito perto de quem lê o livro.

Muito se fala, na rede, também da geração *beatnik*, no estilo de relatos pé na estrada. A "bíblia" dessa geração é *On the Road*, de Jack Kerouac. Dada a ousadia dos assuntos do livro, visivelmente autobiográfico em vários trechos, causou polêmica, ao mesmo tempo em que fez a cabeça de uma geração com relatos de jovens com suas motos e carros descobrindo os horizontes de um país e os prazeres de estar perdido no mundo através das viagens feitas pelos EUA e México.

Outra linha que ganha adeptos em grupos de discussão na rede é o grupo dos chamados autores "malditos". São obras que fazem uso de experiências fortes e extremamente reais, trabalhando no limite do relato de suas experiências pessoais.

Os clássicos de Charles Baudelaire, *Flores do Mal* e *Paraísos Artificiais*, abordam experiências com o ópio, o haxixe e o álcool. O autor fazia uso dos mesmos juntamente com uma comunidade de jovens intelectuais, que tinha como interesse maior vivenciar os efeitos das drogas nas suas produções e no funcionamento da mente, pensando nos possíveis benefícios desse uso. Baudelaire relata, com detalhes, em seus livros, essas experiências, como um guia para interessados. Daí a polêmica causada na época do seu lançamento, em meados do século XIX.

Outro da linha dos malditos é Charles Bukowski, que sai da esfera dos relatos juvenis, mas usa de forma agressiva a linguagem livre, com palavrões e gírias, pra falar de sua vida de velho beberrão, autor e escritor de roteiros para o cinema. O humor trágico da vida, aliado aos personagens sofridos com que convive, perdidos, sem destino, é uma das características dos seus livros. Um dos seus mais famosos, *Hollywood*, acabou mesmo sendo adaptado para o cinema.

Na seqüência, como sucessor dessa geração, John Fante mistura vida real de jornalista, escritor e roteirista de cinema com ficção. Seus livros são uma seqüência de relatos da vida do autor e a leitura deles, na seqüência, mostra claramente a evolução da vida do personagem, Bandini, e, por conseqüência, da do próprio autor. Conflitos com o pai, a experiência da infância, a ida para a cidade grande, as dificuldades financeiras e o começo da carreira de jornalista e escritor estão entre os temas principais. Alguns de seus livros são 1933 *Foi um Ano Ruim, Espere a Primavera Bandini e Sonhos em Bunker Hill*, o último, escrito quando o escritor já estava cego e precisou da ajuda da mulher.

Muitos dos títulos desses autores estão sendo relançados e é possível vê-los nas ruas em qualquer banca de jornal, editados pela L&PM Editores principalmente.

Dos contemporâneos, uma série de novos autores têm feito sucesso pelo mundo usando da mesma abordagem: exposição da vida real em livros. Os exemplos aqui citados são alguns campeões de venda pelo mundo, segundo Colombo (Colombo, 2004).

Cem Escovadas Antes de Ir para a Cama, da italiana Melissa Panarello, conta as aventuras sexuais da personagem "Melissa" aos 16 anos. A busca incessante pelo prazer, o uso de uma linguagem brutal, quase infantil, com relatos de sexo do começo ao fim, em que a personagem declara, entre outras coisas, ser ela própria uma calcinha, definem o modo de escrever da autora.

Hell-Paris 75016, da francesa Lolita Pille, fala das futilidades presentes no consumismo frenético de uma garota rica que sofre com as crises da juventude, misturando lojas de grife com boates, sexo e uso de drogas. Despreza o diferente e ostenta o belo e o consumo, numa sociedade perversa, feita para poucos.

Política, de Adam Thirlwell, aborda o modo contemporâneo de viver um triângulo amoroso, um rapaz e duas garotas, abusando de reflexões dos personagens e opiniões próprias do autor sobre o que está se passando com eles. O ponto central da estória, o envolvimento sexual dos três personagens, cheio de dúvidas, experiências novas e tensões, aparece permeado por arte, política e história no livro de Thirlwell, considerado um dos melhores novos escritores do Reino Unido.

Todo esse movimento literário é um indício para pensarmos algo maior que vem acontecendo na sociedade e que encontra um grande aliado dentro da Internet. Uma certa obsessão com a vida alheia, uma busca incessante por experiências de fato reais, numa exposição exacerbada, por todos os lados, dos indivíduos, que falam de suas próprias vidas e que lêem sobre a vida dos outros. Tudo isso aparece claramente no movimento dos weblogs.

Um dos primeiros exemplos dessa ligação weblogs/literatura é o caso da escritora Clarah Averbuck, que já fazia algum sucesso quando lançou o seu blog *Brasileira*! Preta (http://brazileirapreta.blogspot.com). Lá, falava da sua vida, revezando com pequenos textos fictícios e algumas de suas inspirações, como por exemplo, John Fante e Charles Bukowski. O número de visitantes do *Brasileira*! *Preta* cresceu rapidamente, tornando a autora famosa dentro da rede, principalmente entre blogueiros que buscaram inspirações no modelo, ainda em fase de aprimoramento, por volta do ano de 2002. De lá pra cá, Clarah lançou dois livros, *Máquina de Pinball* e *Vida de Gato*, sendo um deles uma coletânea de *posts*. [2] Hoje há inúmeros escritores, profissionais ou não, que mantém *blogs* como uma forma alternativa da divulgação dos seus trabalhos.

[2] Textos publicados nos blogs, com data e hora.

Como ilustração, transcrevo o depoimento de Lívia Cardoso, membro da comunidade *Blogalize* (http://www.orkut.com/Community.asp?cmm=54708), no Orkut (http://www.orkut.com), que comentarei posteriormente neste trabalho.

> Eu adorava o Brasileira! Preta. Li de cabo a rabo 2 vezes. A Clarah é massa. Confesso que não curti muuuuuito Máquina de Pinball não... Mas comecei a ler Fante e Bukowski de tanto que ela falava neles. Salinger e Rimbaud eu já conhecia há mais tempo. (Extraído do tópico "Brasileira Preta, John Fante e Charles Bukowski", que está no fórum da comunidade, acesso em 16, jun. 2005).

Outro bom exemplo do que esse movimento vem gerando é o livro *Wunderblogs.com*, lançado em 2004. Trata-se de uma coletânea de textos de vários blogueiros em um único livro, com alguns pontos de vista em comum, como a defesa do liberalismo. Todos os textos possuem data e hora de produção, coisa nova no mundo da literatura, possibilitado pela tecnologia razoavelmente simples da ferramenta. Os *blogs* estão todos reunidos no portal que dá nome ao livro (http://www.wunderblogs.com), hoje já com outros participantes, dentre eles, o escritor Daniel "Mojo" Pellizari (http://www.failbetter.wunderblogs.com) e o jornalista Ruy Goiaba [3] (http://www.puragoiaba.wunderblogs.com).

[3] Pseudônimo

Da mesma forma como existem alguns escritores com livros publicados, entre os participantes do *Wunderblogs.com*, existem também pessoas comuns, de bancários a tradutores, que até então nunca haviam pensado em publicar alguma coisa. Radamanto, por exemplo, um dos participantes do livro, diz: "*afora o blog, só escrevo cartões de Natal e anoto recados telefônicos*" (Machado, 2004:1). O relato é um bom exemplo de como os blogs tornaram a exposição de idéias, e qualquer outro tipo de expressão, possível a uma gama muito maior de indivíduos no mundo pós-moderno.

Portanto, percebemos aqui algumas inspirações para essa exposição do indivíduo na rede, dentro da literatura, que ganha sentidos totalmente novos, uma vez que não se trata de uma atitude individual, seja por parte do autor, seja por parte do leitor. A produção dos blogs requer uma relação de troca, que acaba unindo pessoas em torno de um ponto de interesse comum, como aconteceu com o grupo do *Wunderblogs.com*, produzindo relações de interação dentro da rede. É esse aspecto que se torna interessante enquanto problemática da exposição da primeira pessoa.

2 *Weblogs*, Ferramentas De Expressão

Weblog é uma palavra da língua inglesa composta por *web* (página de internet) e *log* (diário de bordo), hoje mais conhecida como *blog*. Essas páginas pessoais são criadas com uma cara de diário (também chamados de diários virtuais) e vêm com espaço para comentários sobre cada texto inserido (o *post*). O usuário dessa ferramenta é chamado de *blogueiro* (*blogger*, em inglês) e o universo em que se inserem essas páginas dentro da internet já ganhou também um nome, a *blogosfera* (*blogosfere*).

O início do movimento dos blogs, no mundo, surgiu já há um tempo [4], considerando a rapidez com que as coisas acontecem na rede. Os primeiros datam de 1999, nos EUA, e 2000, no Brasil.

[4] Cito como exemplo o meu próprio blog, o Tamos Aí, (http://tartorres.weblogger.com), criado em outubro de 2001.

Há vários serviços disponíveis, alguns mais "tradicionais" como o Blogger (http://www.blogger.com) e outros mais recentes, fruto da popularização dessas páginas, como o do UOL (http://www.uol.blog.br). Eles marcam uma geração de pessoas, grande parte ainda composta por jovens, que interagem na rede e que vêem ali a possibilidade de mostrarem-se como indivíduos únicos em meio a uma massa cibernética. Usam, como base de sua ação simbólica, seus textos e os de outros usuários que fomentam das mesmas necessidades. São espaços de exposição diária, de comunicação do fútil, do trivial, do cotidiano, com poder de lançar para o mundo qualquer coisa de uma vida comum, porém fruto de experiências contemporâneas.

O movimento teve o seu auge, por aqui, em 2003, quando mais de 100.000 páginas desse tipo estavam registradas na web. Hoje, meados de 2005, ele passa por um momento de reestruturação, em que, de forma geral, os usuários já entendem melhor a proposta da ferramenta e começam a produzir em cima de algo mais concreto, em função de coisas que acreditam, da mesma forma que consomem (lêem) as páginas de modo mais seletivo. Lê-se aquilo que desperta interesse, que tem algo de louvável a ser apresentado. A qualidade em si, mesmo que seja por mostrar um cotidiano comum aos leitores, parece ser um diferencial nesses cinco anos de blogueiros na rede.

Por isso mesmo, por essa "profissionalização" do mundo dos *blogs*, muitos temas surgiram como proposta nessas páginas: jornalismo (como mídia independente, sem intermediários, dando credibilidade e realidade para o que se coloca), poesia, atitude punk, literatura, quadrinhos, desenhos e caricaturas, música, cinema, política, além dos chamamos *blogs* coletivos **5**. Há ainda os *blogs* com uma conotação maior de "diário", no sentido clássico da palavra, em que o indivíduo reflete e expõe os seus pensamentos cotidianos. Nesse universo, as variantes também são muitas, como a condição de ser brasileiro e morar fora do país, de ser menina adolescente, de ser "famoso" por alguma razão **6**, de falar para um grupo de amigos específico, de ter a mesma profissão, etc.

5 Participo também de um blog coletivo Ímpeto Endeavour (http://endeavourblog.blogspot.com)

6 O blog do Marcelo Tas, jornalista da TV Cultura, é um dos muitos exemplos (http://www.blogdotas.com.br)

Nota-se, hoje, uma maior maturidade no movimento, no qual é possível verificar um público cativo que foi criado em torno dessas páginas, que seguem numa linha paralela às mídias tradicionais. Segundo estudo realizado pela empresa de pesquisa *Pew Internet* (http://www.pewinternet.org), cerca de 32 milhões de norte-americanos adultos lêem blogs com freqüência, o que mostra a inclusão do modelo da página ao consumo de mídia nesse país.

Acompanhando essa nova fase, recentemente, novas ferramentas apareceram para incrementar a dinâmica das criações, que estão ficando mais interativas, hipermidiáticas. No artigo de Juliano Barreto (Barreto, 2004), é abordado o fato de que com o avanço das tecnologias, as facilidades de acesso à banda larga e a queda do preço de equipamentos, como aparelhos celulares, máquinas digitais, filmadoras e *web cams*, surgem novas ferramentas nos *blogs*, ramificações da mesma idéia: *fotologs* (com fotografia), *audiolog* (com som) e *videoblogs* (com vídeo) **7**, todos com produção caseira, com recursos simples, expondo, cada vez mais, o cotidiano de pessoas comuns.

7 A forma de transmissão de programação de áudio e vídeo que vem ganhando espaço na rede é o podcast. É melhor, comparada ao formato streamming (em que o consumo é dado ao mesmo tempo em que se baixa a informação), pois os arquivos podem ser guardados para consumo posterior. Fazer uso desse tipo de tecnologia na rede ganhou o nome de podcasting.

Um bom exemplo do que isso proporciona, em termos de inovação, para a linguagem na blogosfera é o site *Audiolog* (http://www.audioblog.com), que oferece todas essas ferramentas juntas (Figura 1). Visitando a página principal, é possível assistir a vídeos explicativos e ouvir depoimentos, onde os mantenedores do site colocam de forma bastante clara o que é possível fazer usando as ferramentas disponibilizadas por eles.

Home do site Audioblog, com exemplos do que pode ser feito com as ferramentas. (Figura 1)

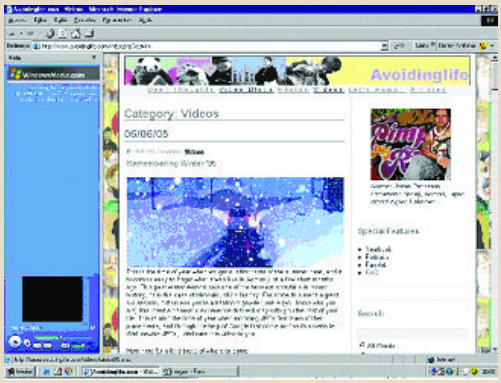
No Brasil, o *Click 21* (http:// videolog.click21.com.br/videolog), da Embratel, disponibiliza serviços de armazenagem de vídeo em *blogs*, mas, por enquanto, somente para usuários com acesso à banda larga. Além disso, oferece também serviço de *blog*, *fotolog* e álbum de fotos.

Outro exemplo, com produção de som e vídeo, realizado de forma bem simples, é o caso do blog do jornalista André Rosa (Marmota). Em um único *post*, temos 20 dias de viagem pela Itália, Espanha, França e Portugal narrados pelas suas lentes. O exemplo (Figura 2), mostra o dia em que os vídeos foram publicados. Na *home*, o link para o vídeo é uma imagem com algumas cenas do conteúdo do mesmo vídeo, para dar idéia ao visitando do que ele irá assistir.

Também existem *blogs* específicos, que seguem apenas uma dessas linhas. Um *blog* só com vídeo é chamado de *vlog* e, só áudio, *audiolog*. Um bom exemplo que inclui todas as possibilidades, mas de forma separada, é o japonês *Avoiding Life* (http://www.avoidinglife.com), de Jamie Patterson. Lá, as criações são divididas por categorias: *Deep Thoughts* (lembra o blog comum, com texto), *Photos* (diversos tipos de fotografias), *Video Blogs* (com imagens do cotidiano dele, com som ambiente) e *Videos* (mais elaborados, com edição, trilha sonora e finalização).

Home do blog do "Marmota" (Figura 2)

No exemplo colocado abaixo, (Figura 3), da página *Videos*, o autor edita duas cenas do seu dia a dia, comparando os invernos de sua cidade Aomori em 2004 e 2005. Titulado *Remebering Winter´05*, mostra as dificuldades em sair de casa e ligar o carro em função da grande quantidade de neve. A trilha sonora completa a criação, fazendo da vida do autor um pequeno espetáculo on-line. Na figura, vê-se, à direita da página, uma imagem estática do vídeo, com texto do autor falando dele e o *Windows Media Player* à esquerda, onde o vídeo é mostrado assim que a informação é carregada.



Página Videos, do blog Avoiding Life. (Figura 3)

De forma geral, a banda larga é a melhor maneira de interagir com essas ferramentas, mas alguns serviços também têm a opção para velocidades reduzidas de 56K, o que faz com que qualquer um possa entrar em contato com um *post* desse tipo.

Todas essas ferramentas, hoje disponíveis aos usuários, fazem com que o universo de trocas simbólicas entre os indivíduos aumente consideravelmente, fazendo com que cresçam também as possibilidades de interação entre os indivíduos que fazem uso delas, dando uma nova lógica às relações na rede feitas dessa forma. Se a ferramenta tem a qualidade específica de ligar indivíduos pelo que são enquanto pensamentos e representações de si, como veremos abaixo, novas relações estão para serem estabelecidas, com o aprimoramento tecnológico das mesmas.

3 Comunidades Virtuais

As manifestações nos *blogs*, como já comentado, apesar de possuírem como característica a exposição do *self*, não acontece de forma isolada. Gera diferentes modos de ligação a partir, justamente, dos seus diferentes modos de expressão. São indivíduos que trabalham também na condição plural, múltipla, uma vez que essa é uma das possibilidades que o usuário da rede tem de se comunicar e se informar. Ele vai usar, também, de outras formas tão ou mais complexas, como as ferramentas de mensagem instantânea, jogos interativos, *chats*, telefonia pela internet, além das páginas tradicionais.

Em cada uma delas, interage de uma forma, não necessariamente tendo o mesmo comportamento. Tendo isso em vista, e pensando apenas na lógica existente dentro dos blogs, podemos dizer que há uma qualidade intrínseca a eles, dada pela forma como se navegam os hipertextos, que, por sua vez, cria comunidades virtuais, aqui entendidas, segundo a concepção de Pierre Lévy, como a aproximação de indivíduos em torno de "(...) *afinidade de interesses, de conhecimentos, sobre projetos mútuos, em um processo de cooperação ou de troca, tudo isso independentemente das proximidades geográficas e das filiações institucionais*". (Lévy, 1999:127).

Observando os *links* de blogueiros [8] e percorrendo alguns *blogs* a partir do primeiro, percebe-se uma proximidade entre eles. Um assunto, uma condição, um tema, seja qual for o elo (ou vários), percebe-se um movimento que liga os *blogs*, seja diretamente, através dos *links*, seja pelo próprio roteiro de visitação que se faz. Raquel Recuero chama esse movimento de *webrings*.

[8] Sobre links de blogueiros, ver artigo de LIMA (2004).

Normalmente, o blogueiro costuma deixar, num dos cantos da página, uma sucessão de *links* para outros blogs, sugestões que também acabam falando dele mesmo, ou seja, como se dissesse "*leiam isto, é bom!*", parecido com uma garantia para quem o visita. Assim, um blog de determinado assunto puxa outro parecido e assim sucessivamente. Navegar por eles, um depois do outro, faz com que o internauta percorra cotidianos diferentes, mas com algo em comum, em questão de minutos. Ele vasculha a intimidade de vários indivíduos, conhecidos ou não, e faz disso seu hábito de visitação diária, tornando esse tipo de consumo de mídia algo constante, como a leitura de um jornal ou uma publicação qualquer *on line*.

A diferença crucial está no teor dessa visitação. Não se fala mais em mídias nacionais ou jornalistas renomados, mas pessoas comuns que se expõe na internet, dividindo com quer que seja sua rotina. E o porquê desse tipo de temática trazer tanto interesse? Talvez seja justamente essa possibilidade de sentir outros cotidianos próximos dos seus e construir, através de todos eles, um outro que lhe seja propício, no momento da navegação, ou mesmo fora dela. Construir comunidades, ligar-se a pessoas por gostos parecidos, mostrar-se enquanto ser humano com características próprias. Tudo isso colabora para organizar o sincretismo presente nas manifestações desse tipo na rede.

Numa definição desse movimento, Raquel Recuero vai dizer:

> (...) *acreditamos poder definir os webrings (...) como virtual settlement, uma vez que funcionam como um lugar (uma vizinhança) de blogueiros que interagem (através dos comentários e posts) e travam conhecimento e relações entre si. Os webrings são, portanto, compostos não apenas do blog, mas do círculo de blogueiros e seus comentários sobre o blog, do suporte tecnológico da comunidade virtual.* (Recuero, 2004:9).

Esse "ligar-se", que acontece de forma mais subjetiva e pessoal nos *blogs*, através dos *links*, que são indicados pelos seus autores ou pelo roteiro de navegação de cada um, foi facilitado com o surgimento do Orkut (www.orkut.com), site idealizado para conectar pessoas entre si, criando redes de contato e que, hoje, contém uma imensidão de comunidades criadas para apontar "uma cara" ao indivíduo que delas participa. Elas têm como objetivo a discussão de temas, os mais variados possíveis, e mostrar quem é o indivíduo, do que ele gosta, mediante uma série de imagens (logotipos das comunidades no Orkut), como adesivos no vidro da janela de um quarto de alguém solteiro.

Para pensar um pouco algumas dessas coisas, montei no Orkut , no mês de abril de 2004, uma comunidade voltada a discutir assuntos relacionados a *blogs*, chamada *Blogalize (http://www.orkut.com/Community.asp?cmm=54708)*, ainda no ar, com cerca de 400 participantes. Um dos tópicos chama-se "Linkar outros blogs" e ali pude ler vários depoimentos que vão em direção à idéia de como se dá a escolha dos links nos cantos das páginas. Por exemplo, o membro da comunidade, André Rosa, diz:

> *(...) nos nossos blogs, não entram links que não condizem com nossa personalidade. Devo ter mais de 100 links no blog, mas os critérios são basicamente, blog de amigos e blogs que visito com alguma freqüência. Ou seja, por ligações* ***afetivas*** *ou de* ***interesses****.. (acesso em 16 jun. 2005)*

Outro depoimento interessante, no mesmo tópico, é o de Renato Thibes:

> *Eu linko os amigos, mesmo que eles tenham blogs ruins (hahahaha) e alguns desconhecidos com blogs bons, que acabam virando amigos depois de um certo tempo de intercâmbio. (acesso em 16 jun. 2005)*

Outra forma que tem aparecido para ligar os *blogs* que tenham entre si alguma coisa em comum é dada por portais criados por pessoas que se acham por meio dos *blogs* e criam um endereço a fim de se juntar com outros bons *blogs*, dando a eles uma certa identidade, os diferenciando perante um leque imenso de possibilidades dentro da *blogosfera*. Bons exemplos são o *Insanus.org* (http://www.insanus.org), do sul do Brasil, e o *Gardenal.org* (http://www.gardenal.org), que divide os *blogs* por temas (humor, esporte, viagem e turismo, cultura pop). (Doria, 2005:18)

Assim, essas comunidades virtuais ajudam a fazer com que os indivíduos percorram espaços parecidos, melhorando sua interação e criando uma rotina de visitação que faz com que, ao longo do tempo, os usuários comecem a construir imagens da personalidade daqueles autores cujas páginas visitam com regularidade ou que, por algum motivo, lhes chamam atenção momentaneamente.

Isso colabora como referência para o próximo passo do argumento, que trata justamente das trocas simbólicas que auxiliam na interpretação dessas personalidades, grande suporte por sua vez do elo de ligação entre os usuários.

4 O ser simbólico fragmentado e os computadores

O computador é uma mídia consumida ainda de forma muito individual, nos redutos dos quartos, escritórios e *lan houses*. Provém desse consumo, portanto, uma consciência especial que se lança para dentro da rede em busca de interação, uma interação movida pela porção do indivíduo, na sua condição pós-moderna, que constitui a noção não totalizante, sem verdades completas, sem respostas absolutas e fragmentada, com o uso do parcial, da recombinação de elementos.

Essa ação do sujeito pós-moderno dentro das mídias pode ser mais bem compreendida através de Mark Poster. O autor analisa alguns fenômenos da sociedade contemporânea, como o sucesso da publicidade televisiva e a criação do banco de dados, possibilitados pelo desenvolvimento tecnológico, para desmistificar a idéia existente de um sujeito íntegro, total, defendido pelas teorias modernas e pelo cartesianismo e imposto pelas mídias de uma forma geral. Esse sujeito já não existe mais, foi desconstruído, segundo ele.

Com o aparecimento dos meios de comunicação eletrônicos (em contraposição à mídia impressa), aparecem novas possibilidades do sujeito atuar de forma fragmentada, contribuindo para uma manifestação mais condizente com sua condição pós-moderna, em que é incapaz de expressar uma identidade fixa. Não há mais como pensar a razão exclusiva no mundo contemporâneo. Segundo o autor,

> "the new structures of information, treated as linguistic phenomena, introduce changes in the pattern of communication in society and destabilize the positions of subjects in that society" [9]. (Poster, 1990:28).

[9] As novas estruturas de informação, tratadas como fenômeno lingüístico, introduzem mudanças no padrão de comunicação na sociedade e desestabilizam as posições de sujeitos naquela sociedade.

Antônio Fidalgo, num artigo comentando a obra do autor, diz que um dos exemplos mais desenvolvidos por ele para pensar a dissolução do "*sujeito estável da modernidade, autônomo e crítico, é a transformação operada pela passagem da informação impressa à informação eletrônica, feita em tempo real*". (Fidalgo, 2001:4). É a problemática da figura do *self* que, com o aumento da distância e a velocidade das comunicações, não consegue mais se fixar no tempo e no espaço, quebrando os pontos fixos e estáveis que eram essenciais à teoria moderna.

É nessa perspectiva de um sujeito cada vez mais fragmentado, que o ser simbólico vê na rede a possibilidade de atuar. Como ser simbólico entendo a capacidade humana de expressar-se através de signos, usando para isso dos mais diversos canais de comunicação, dentre eles o computador.

Hans Gumbrecht (Gumbrecht, 1998) afirma que o contato de dois sistemas (corpo humano e computador) engendra um ritmo peculiar e a sua acoplagem gera estados previamente desconhecidos. Assim, o contato do simbólico humano com o computador cria um estado particular para a manifestação na rede, potencializando a atuação desse sujeito.

Além de particular, esse estado vem ganhando contornos cada vez mais amplos, dada a multiplicação de possibilidades de manifestação dentro da rede. Falo aqui de uma delas, o movimento dos blogs com suas extensões, que colabora para o aumento dos signos existentes dentro da rede a partir de ações individuais. A semiosfera (esfera de ação dos signos) cresce, da mesma forma que crescem as possibilidades de relação entre eles. Segundo Lúcia Santaella, estamos num momento de constante crescimento dessa esfera, dado o avanço das tecnologias da comunicação.

> Sem negar a originalidade das mutações que a tecnociência está atualmente introduzindo, não se pode deixar de ver que elas estão na linha da continuidade e de aumento de complexidade daquilo que tenho chamado de crescimento dos signos na biosfera como fruto da externalização da capacidade simbólica humana (...), algo que teve início no momento e que o ser humano se constituiu como tal através da posição bípede e da fala. (Santaella, 2004, 55).

Considerando o aumento dessa complexidade da semiosfera e a característica particular de consumo dos *blogs*, vemos que existe um espaço na rede onde são cada vez maiores as possibilidades dos blogueiros interagirem, dadas as novas opções multimídia oferecidas a eles. Além disso, esses sujeitos seguem uma lógica dada muito em função de uma projeção daquilo que consomem, ou seja, é muito presente a identificação desses sujeitos quando escolhem a linha de navegação pela blogosfera, como comentei ao citar da maneira como os blogueiros escolhem os *links* para outros blogs em suas páginas.

5 Signos em intercâmbio na rede

Comparada aos meios de comunicação tradicionais, é grande a diferença de atuação do ser simbólico nos ambientes cibernéticos. A leitura das mensagens deixa de ser linear, passando a agir através dos hipertextos, multiplicando assim os caminhos dados pela navegação. As mídias, antes isoladas, agora dialogam, interferem e interagem entre si, complementando informações e aumentando as possibilidades de sentido das mensagens. De multi, os ambientes passam a ser hipermidiáticos, contribuindo para uma composição cada vez mais complexa do todo que compõe a semiosfera (esfera de ação dos signos).

Em função disso, a lógica de navegação de qualquer usuário fica muito mais indefinida, dificultando qualquer tentativa de mapear o consumo dessa mídia, mesmo que haja caminhos mais prováveis. Assim, a linha de navegação que cada um faz, ainda que passe por alguns dos mesmos ambientes, é muito particular, tornando o consumo dessa mídia bastante individualizado, quase impossível de ser imitado ou copiado por outro usuário. Mesmo que algumas tentativas estejam sendo feitas nesse sentido, principalmente com os jogos eletrônicos, como comenta o trabalho de Vicente Gosciola (Gosciola, 2004), em *Roteiro Para as Novas Mídias*, no geral, as possibilidades são quase infinitas.

O indivíduo, ao conectar, abre espaço para ação do jogo em que está se inserindo, um jogo em que cada usuário pode manifestar-se da maneira que quiser, da mesma forma que pode interpretar os signos que lida, ao navegar de múltiplas maneiras. Para Lúcia Santaella, o computador é a única máquina que atinge o nível mais complexo da semiose, o da terceiridade, o símbolo, independentemente até da interação e interpretação dos seus usuários. Segundo a autora:

> Como resultado de sua complexidade semiótica, o computador pode desempenhar o papel de mediação ou terceiridade, quer dizer, o papel do signo em sua inteireza, preenchendo literalmente e não apenas metaforicamente a função epistemológica de modelar o mundo. (Santaella, 1996:231).

Dentro dessa imensidão complexa, permitida pela máquina enquanto mídia, os usuários percorrem um campo em que não há nada direto, pensado, que induza sua interpretação, ainda mais quando se fala em mensagens de outros usuários, numa relação muito especial de corpos interagindo no ambiente cibernético, diferentemente de páginas "frias" de empresas ou *homepages* de provedores. São signos criados por indivíduos próximos ao usuário, no sentido de que levam vidas parecidas com a dele. Não há um distanciamento e o diálogo pode ser feito na hora, sem burocracias, sem demora nas respostas, sem seleção dos melhores comentários a serem publicados e sem grande rigor estético. Basta um simples acesso ao *link* de comentários, um e-mail direto ao autor do *blog* com opiniões e sugestões sobre o texto, ou ainda uma resposta em forma de texto (ou imagens), no caso dos *blogs* coletivos.

Dada a maior possibilidade desse usuário de se expressar usando de formas bastante subjetivas, é amplo o campo da hermenêutica dentro da blogosfera, invadida de possibilidades cada vez mais complexas de ação e interpretação; primeiramente, pelo número de páginas desse tipo, cada vez maior; em segundo lugar, pela particularidade de expressão existente em cada usuário

enquanto ser simbólico, dono de suas memórias e seus delírios, tornando as páginas únicas, composições ideais de universos particulares. Por fim, as tecnologias hipermídia colaboram para o aumento do composto dessa esfera por fazer com que essas expressões tomem forma também de fotografia, áudio e vídeo, cada vez mais simples de serem capturados e inseridos nos *blogs*.

O sucesso que a ferramenta de texto fez em vários países sugere que as novas ferramentas terão também o seu lugar reservado no mundo da cibercultura, principalmente em função da proliferação rápida de câmeras portáteis digitais, independentes ou nos celulares. Tal sucesso também mostra o interesse de seres humanos por esse tipo de comunicação, que acaba existindo também porque existe uma audiência fiel que consome esse novo tipo de mídia. Há uma grande quantidade de autores, mas também de leitores/espectadores, e o resultado disso é o aumento dos espaços, dentro da rede, em que há trocas simbólicas entre indivíduos interessados nesse tipo de informação.

Ao mesmo tempo, por ser um meio de comunicação aberto, disponível a qualquer usuário da rede, a construção dessa imagem pela seleção de signos leva em consideração o consumo dessa mídia por parte dos outros usuários e a eventual interpretação que possam fazer dos elementos apresentados nos blogs que lêem, o que faz com que a expressão seja mediada por essa audiência, justamente por possibilitar a interação, através dos comentários. Com o seu uso, pensados aqui como uma forma de medir reações daquilo que se colocou no ar por parte do autor, o blogueiro ganha uma resposta imediata de sua expressão, que também vai servir de elo entre dois ou mais usuários, multiplicado pelas possibilidades tecnológicas. Como em qualquer comunicação, a produção não é totalmente livre, leva em consideração uma audiência, um espectador que irá interagir com a obra, que a completa como quiser.

A ferramenta concretiza o que Umberto Eco chamou, em *Obra Aberta*, de uma segunda interpretação proporcionada pela arte contemporânea - acréscimo e multiplicação dos significados possíveis de uma mensagem "(...) *ao nível de percepção existem sempre processos aleatórios e probabilistas que concorrem sempre para constituir também a percepção como um processo aberto a muitos resultados possíveis* (...)" (Eco, 1991: 135-136). Os textos e imagens expostos têm o poder de provocar a identificação e produzir um prolongamento da idéia inicial com a colaboração de vários outros atores.

Para Jacques Lacan (Lacan, 1966), o outro também é uma representação simbólica para o sujeito, ou seja, cada um tem uma forma simbólica de representar o outro. Assim, nos blogs, o mesmo objeto, a vida pessoal de cada dono de uma página dessas, é representado de várias formas e o indivíduo que visita essas páginas, ao tentar interpretar os textos e imagens produzidas ou selecionadas por um outro, acaba pensando em si mesmo, num processo de identificação. É pela manifestação do outro, falando de si, que vai ser dado o início de uma interação.

Lúcia Santaella comenta o mito de Narciso e a perda do indivíduo dentro da imagem fragmentada que tem de si, perdendo-se no signo. Para ela, a única via em que a identificação com o signo se trata de uma descoberta, e não de uma perda, é o amor, no qual o indivíduo identifica na imagem do outro a imagem de si mesmo.

> Perde-se de si por não perceber a fenda, a brecha da diferença entre o próprio eu, este que avança no fluxo da vida, e a imagem (representação) do eu (...). Perde-se, enfim, porque lhe falta a experiência amorosa, essa via cruzada na qual, tal como Narciso, também nos perdemos, mas diferentemente de Narciso, nos perdemos para nos ganhar. Única instância talvez em que nos perdemos no outro enquanto o outro se perde em nós (Santaella, 1996: 67-68).

Os espaços de interação dos *blogs* e outras ferramentas pessoais proporcionam o desenvolvimento de uma relação, funcionando como porta para que se dê uma troca simbólica de identificação. Fala-se de um jogo mútuo e de comum acordo entre os participantes. Representando a si, o indivíduo representa ao outro, um fragmento do outro em si, através da produção de um texto ou imagem. O jogo não é sem resposta, como na tragédia de Narciso, ele ganha seu equilíbrio na outra imagem produzida (outros *blogs*, *fotologs*, *vlogs*), que contém um outro diferente do que imagina e de um eu diverso da sua própria produção na ferramenta pessoal.

Tudo isso potencializa o uso do ambiente virtual como lugar propício para trocas simbólicas entre os indivíduos, de modo que estes se mostram ali através de uma sucessão de signos produzidos através dessas ferramentas, dos editores de texto e das câmeras digitais. Fotos, som (a voz) e vídeo tendem a deixar essa impossível tarefa de representar-se ao mundo de forma total um pouco mais próxima, mas ainda, como é lei na representação, fragmentada, longe do constituir o objeto (indivíduo).

Mas por isso mesmo, a busca do real de Lacan, o motivo da frustração de Narciso, anima essa incessante exposição na rede, que fica mais intensa com o movimento dos blogs, principalmente com as novas ferramentas. Como resultado disso, tem-se a metáfora da condição humana "(...) *que está sempre em busca de uma completude repetidamente lograda, capturada incansavelmente em miragens que encenam um sentido onde o sentido está sempre em falta*". (Santaella & Nöth, 1998:190).

Assim, as novas ferramentas da internet apontadas mostram essa tendência, também pós-moderna, de fragmentação dos espaços midiáticos, descendo ao nível do indivíduo comum, possibilitando a este se expressar como quiser dentro da rede, seja por meio de textos, fotos, som ou vídeo e interferir na produção de outros internautas a partir de comentários ou outras formas de participação, como ambientes colaborativos.

A tecnologia vem proporcionando um espaço de voz ativa, de representação ao indivíduo, antes limitado a ser consumidor das "mídias de massa", um mundo que se abre às mais diversas formas de manifestação, num leque infinito de possibilidades em função dessas novas ferramentas, eficientes justamente pela simplicidade do seu uso por qualquer indivíduo um pouco familiarizado com a interface dos computadores. Isso faz com que novas formas de expressão e interação se popularizem, ampliando os horizontes de novas comunicações entre os indivíduos da sociedade contemporânea.

6 Conclusão: A rede como campo potencial de manifestação do eu

O espaço aberto, para expressão, pelas novas tecnologias no mundo contemporâneo possibilita também o aumento de trocas simbólicas entre indivíduos. As novas ferramentas de som e vídeo, indicando uma tendência hipermídia para as

manifestações nos blogs, mostram a constante construção desses espaços e a procura de um lugar onde se possa ter um melhor conhecimento do outro, da mesma forma que de si mesmo.

Internautas, nessas interações nos blogs e em outras ferramentas, buscam algo que está fora da sua noção de mundo, a ser completado, conforto para suas angústias, respostas para dúvidas, informação, diálogo, um outro que se pareça consigo, pura diversão ou criação de novas redes de contato. O aumento do número dessas páginas e a maturidade que algumas delas têm mostrado confirmam que o modelo veio para ficar e, por isso mesmo, merece atenção no que diz respeito à sua interferência no composto total das mídias, principalmente na razão desse consumo.

Ao comentar alguns exemplos da literatura que são motivo de discussão dentro da internet, mostrei que o interesse em expressar experiências pessoais não é algo necessariamente novo, mas que ganha sentidos extremamente mais dinâmicos dentro do ambiente virtual. Percebi, ao usar alguns conceitos da psicanálise, que essa necessidade é algo intrínseco à humanidade e, portanto, sempre haverá um movimento nesse sentido dentro das mídias e fora delas. O que fica claro é que o universo da rede é infinito para tal aspecto, recheado de múltiplas escolhas, muitas ainda a serem descobertas.

A ampliação do conceito dos blogs, com uso de som e vídeo, torna a tarefa ainda mais interativa, potencializa os ambientes de criação para indivíduos comuns e multiplica a quantidade de signos usados para esse fim dentro da rede. Cria-se com isso um universo de possibilidades de expressão que mostra até que ponto está a obsessão do homem pela busca de uma melhor representação de si e, além disso, instiga a pensar quais as conseqüências que a exposição do eu nessas ferramentas hipermídia provocam na comunidade de usuários que delas usufruem e o porquê do tamanho sucesso que fazem cada uma delas dentro da rede.

7 Referências Bibliográficas

BARRETO, Juliano. (2005). *Políticos, Executivos e Socialites aderem aos blogs*. Folha de S. Paulo, 18 mai. Informática, pp.1.

BARRETO, Juliano. (2004). *Nova mania leva vídeo a diários virtuais*. Folha de S. Paulo, São Paulo, 24 nov. Informática, pp.2.

BLOOD, Rebecca. *Weblog: a history and perspective*. Disponível em: http://www.rebeccablood.net/essay/weblog_history.html. Acessado em 22 jun. 2005.

COLOMBO, Sylvia. (2004). *Através do Espelho*. Folha de S. Paulo, São Paulo, 31 de maio. Folhateen, p.6.

COSTA, Rogério da. (2002). *A Cultura Digital*. São Paulo: Publifolha.

DORIA, Pedro. (2005). *Novas Comunidades*. Revista da Folha, São Paulo, 27 de fevereiro, p.18.

ECO, Umberto. (1991). *Obra Aberta*. São Paulo: Perspectiva, 8ª. Ed.

FIDALGO, Antônio. (2001). *O modo de informação de Mark Poster*. In: CORREIA, J.C. (org.), Comunicação e Poder. Lisboa: Universidade da Beira Interior.

GOSCIOLA, Vicente. (2003). *Roteiro para as novas mídias*. São Paulo: SENAC.

GUMBRECHT, Hans Ulrich. (1998). *Corpo e forma - ensaios para uma crítica não -hermenêutica*. João Cezar de C. Rocha (Org.). Rio de Janeiro: EdUERJ.

LACAN, Jacques. *Escritos*. (1966). São Paulo: Perspectiva.

LÉVY, Pierre. (1996). O que é virtual? . São Paulo: 34.

_____. *Cibercultura*. (1999). São Paulo: 34.

LIMA, Alessandro Barbosa. *Diga me teus links e te direi quem és*. Disponível em: http://informatica.terra.com.br/interna/0,,OI308329-EI1684,00.html. Acesso em 09 dez. 2004.

MACHADO, Cassiano Elek. (2004). *Blogs em Conserva*. Folha de S. Paulo, 3 de julho. Ilustrada, p. 1.

POSTER, Mark. (1990). *The Mode of Information*. Cambridge: Polity Press.

RECUERO, Raquel da Cunha. *Weblogs, webrings e comunidades virtuais*. Disponível em: http://www.pontomidia.com.br/raquel. Acesso em 09 dez. 2004

RESENDE, Emerson. *Brasileiros já aderem ao podcasting*. Disponível em: http://www.tecnologia.terra.com.br/interna/0,,O1504461-EI4795,,00.html. Acesso em 21 jun. 2004.

SANTAELLA, Lúcia. (2004). *Corpo e Comunicação*. São Paulo: Paulus.

_____. (1996). *Cultura das Mídias*. São Paulo: Experimento.

SANTAELLA, Lúcia. & NÖTH, Winfried. (1998). *Imagem: cognição, semiótica, mídia*. São Paulo: Iluminuras.

SAYÃO, Rosely. (2004). *Bendita mal dita juventude*. Folha de S. Paulo, São Paulo, 26 de outubro, Mais, pp. 22-24.

SCHITTINE, Denise. (2004). Blog: *Comunicação e escrita íntima na Internet*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

VILLAÇA, Nízia. (2002). *Impresso ou Eletrônico? Um Trajeto de Leitura*. Rio de Janeiro: Mauad.

Figuras

1. http://audioblog.typepad.com. (Acessado em 24/11/2004)
2. http://marmota.org/blog/ (Acessado em 10/12/2004)
3. http://www.avoidinglife.com (Acessado em 23/06/2005)

Refefências da internet

http://brazileirapreta.blogspot.com

http://www.orkut.com/Community.asp?cmm=54708

http://www.orkut.com

http://www.wunderblogs.com

http://www.failbetter.wunderblogs.com

http://www.puragoiaba.wunderblogs.com

http://www.blogger.com

http://www.uol.blog.br

http://www.pewinternet.org

http://www.audioblog.com

http://www.avoidinglife.com

http://www.insanus.org

http://www.gardenal.org